



Boletim informativo da

# WORLD MONUMENTS FUND PORTUGAL

1  
março de 2000

## WORLD MONUMENTS FUND PORTUGAL

A World Monuments Fund Portugal é uma Associação tripartida que congrega, paritariamente, os contributos do Estado Português, através do IPPAR, em representação do Ministério da Cultura, do World Monuments Fund, de que é uma filial, e de um conjunto de empresas mecenas. Tem como objectivo a recuperação e restauro de monumentos em Portugal, numa perspectiva original, no nosso País, de conservação do Património. Em 1997 a World Monuments Fund Portugal concluiu com sucesso o Projecto Torre de Belém – limpeza e conservação exterior da pedra e, em 1999, o projecto de recuperação do órgão da Igreja do Espírito Santo, em Évora. Neste momento desenvolve o projecto de intervenção no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos e iniciou o da intervenção no Farol-Capela de São Miguel-O-Anjo, no Porto.

## WORLD MONUMENTS FUND

Sediada em New York, a World Monuments Fund é uma associação privada cujo objectivo é assegurar a sobrevivência dos tesouros artísticos e arquitectónicos em todo o mundo e que ao longo de mais de trinta anos tem desenvolvido um trabalho meritório e consequente. A WMF providencia apoio financeiro e técnico na conservação, formação, pesquisa, sensibilização pública e apoio jurídico em tudo o que se relacione com a defesa e protecção do património construído. A organização tem um papel catalisador, agregando recursos públicos e privados, técnicos e financeiros, imprescindíveis para salvar as obras em perigo.



Torre de Belém, Lisboa, 1957

Fotografia e © Gérard Castello Lopes



## GÉRARD CASTELLO LOPES

Nasceu em Vichy, em 1925. Licenciado em Economia, pelo ISCEF, fez parte do Corpo Diplomático da Missão Permanente de Portugal junto do Conselho da Europa. Gerente de uma sociedade no campo do audiovisual, profissional de cinema, fotógrafo e crítico, dedica-se à fotografia desde 1956. Membro fundador do Centro Português de Cinema, foi assistente de realização do filme português “Os Passáros de Asas Cortadas” (1962). Presidente do Júri do Instituto Português de Cinema durante o período de 1991 a 1993.

### Crítico e Ensaísta

Crítico de cinema na revista “O Tempo e o Modo” (1964/1966) e colaborador em diversos órgãos da imprensa portuguesa, como “A Tarde” e o “Semanário” (1982/1984). Autor de diversos artigos e ensaios, publicados em jornais, livros e catálogos e de conferências proferidas em vários encontros nacionais e internacionais.

### Algumas exposições colectivas

“Trinta Fotografias”- *Pavilhão Português, Osaka (1970)*  
“Arte Contemporânea Portuguesa”- *MAC, Madrid (1987)*  
“Fotoporto”- *Fundação de Serralves, Porto (1988)*  
“L’Image des Mots”- *Europália, Bruxelas (1991)*  
“Europa Depois do Dilúvio”- *Kunstlerhaus, Viena (1995)*  
“À Prova de Água”- *Centro Cultural de Belém, Lisboa (1998)*

### Colecções

Secretaria de Estado da Cultura  
Fundação Calouste Gulbenkian  
Fundação de Serralves  
Festival de L’Image (Le Mans)

### Algumas exposições individuais

“Fotografias de 1956 a 1982” - *Galeria Ether, Lisboa (1982)*  
“Photographie”- *Centro Cultural Gulbenkian, Paris (1994)*  
“Simulacro e Trompe L’Oeil”- *Museu Gulbenkian (1996)*  
“Lisboa de Outras Eras”- *Maison de la Poésie, Paris (1998)*  
“Em Demanda de Moura”, *Casa Fernando Pessoa, Lisboa (1999)*  
“Gérard C. Lopes Photographs”- *U. de Harvard, USA (1999)*

### Algumas publicações

“Photography Yearbook”, *Ed. Condé Nast, Londres (1961)*  
“Portfolio in “A Portuguese Rural Society”, *Ed. Claredon Press (1971)*  
“Perto da Vista”, *Ed. Imprensa Nacional (1984)*  
“Insignificâncias”, *Ed. Fundação Calouste Gulbenkian (1986)*  
“Lorelei”, *Ed. Porto Editora (1989)*  
“Doze Fotografias Inéditas”- *“Colóquio Letras”, Ed. FCG (1994)*

### Alguma bibliografia

“Reflexões sobre a Noção de Escala” - *“Análise” nº12 (1989)*  
“Magnum Cum Laude”- *“Colóquio Artes”, FCG (1994)*  
“Ser e Estar”- in *“Colóquio Artes”, FCG (1995)*  
“Espant’hommes” - *catálogo, Fundação de Serralves (1997)*



Boletim informativo da  
**WORLD MONUMENTS FUND  
PORTUGAL**

nº 1 – março de 2000



Publicação da **Associação World Monuments Fund Portugal**  
Mosteiro dos Jerónimos, Praça do Império  
1400-206 LISBOA – PORTUGAL  
Tel: +351 21 362 00 34 - Fax: +351 21 363 91 45 - [wmfpt@esoterica.pt](mailto:wmfpt@esoterica.pt)

*A fotografia de Gérard Castello Lopes foi digitalizada a partir de um original impresso por Publimod’Photo (Paris, 1998)*

É com muito gosto e interesse que me associo à publicação do primeiro número do Boletim Informativo da World Monuments Fund Portugal, através destas palavras que são de estímulo e de apoio a uma acção tão meritória.

Essa acção tem como objectivo preservar e manter viva a nossa herança cultural, legando-a às gerações futuras. Mas quer fazê-lo apelando à participação e a que se ganhe maior consciência de que defender o património não é apenas conservar o passado, pois é, verdadeiramente, afirmar o presente e o futuro, através do reforço da nossa identidade.

Para isso, a Associação aposta na multidisciplinaridade (cultural, científica e técnica), na ligação às Universidades e a outras instituições do conhecimento, no recurso a projectos inovadores e caracterizados pelo rigor. Sabe que os jovens são, nisso, aliados naturais, pois eles sentem que um País é tanto mais moderno quanto souber fazer das suas raízes um impulso para se renovar e reinventar.

Ao inscrever, nos seus objectivos, a mobilização da sociedade para a tarefa de defesa dos símbolos culturais e monumentais da nossa identidade, a World Monuments Fund Portugal constitui um notável instrumento de agitação cultural e de aglutinação das pessoas, em torno de causas que merecem a nossa dedicação e empenhamento activo. Saúde, por isso, os seus promotores e apoiantes.

Aos mecenas que têm colaborado com os projectos da Associação, quero dizer uma palavra de caloroso reconhecimento. A forma como têm respondido ao apelo mostra bem que entendem o que lhes é pedido, não apenas como a prestação de um apoio financeiro, aliás, tão necessário, mas como uma corresponsabilização neste grande designio cultural e nacional.

O que até aqui já se fez, dá-nos confiança e, sobretudo, investe-nos na responsabilidade de continuarmos. Contando com a boa-vontade de todos.

Num Mundo que corre o risco de massificação e da uniformização, a diversidade cultural é um factor insubstituível de enriquecimento e uma garantia de continuação da aventura criadora, que faz que reconheçamos em cada marca do passado um convite a que inventemos o futuro.

*Maria José Ritta*

Quero começar com uma palavra de profundo reconhecimento à Exma. Senhora D. Maria José Ritta por, tão amavelmente, ter acedido ao nosso convite para participar neste primeiro número do Boletim Informativo da World Monuments Fund Portugal, que agora apresentamos. Tendo-nos já dado a honra de aceitar presidir à Comissão de Honra do Projecto de Conservação do Claustro do Mosteiro dos Jerónimos, permitimo-nos encontrar aqui mais um sinal de apoio e encorajamento à nossa acção, o que muito nos penhora e estimula.

Como já é do conhecimento público, esta Associação terminou o restauro da pedra exterior da Torre de Belém e, recentemente, do órgão da Igreja do Espírito Santo, ligado à Universidade de Évora. Inicia agora os trabalhos da segunda fase do projecto de conservação do Claustro do Mosteiro dos Jerónimos e os planos de um projecto na cidade do Porto.

O objectivo deste Boletim é o de divulgar, a um público interessado, as actividades da WMFP e daqueles que se encontram ligados a estes projectos. Tanto nos seus aspectos técnicos, como de investigação histórica ou, ainda, relacionados com os nossos mecenas, sem os quais as actividades desta Associação não seriam possíveis.

Antes de se iniciar a obra de restauro, propriamente dito, tem sido um passo fundamental, realizar um estudo detalhado do monumento em causa e fazer o diagnóstico dos problemas a enfrentar. Com este estudo consegue-se quantificar e planear a obra com muito maior precisão. Assim planeamos fazer, sempre que possível, no futuro.

*Paulo Lowndes Marques*

#### MECENAS

#### Claustro do Mosteiro dos Jerónimos

Projecto de Conservação

FBCP - Fundação Banco Comercial Português  
CIMPOR - Cimentos de Portugal, SGPS, SA  
EDP - Electricidade de Portugal  
SIVA - SGPS, SA  
GALP, SGPS - Petróleos e Gás de Portugal, SA  
FLAD - Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento  
RTP - Rádio Televisão Portuguesa, SA  
ROBERT WILSON CHALLENGE  
KRESS FOUNDATION

#### Torre de Belém

#### MECENAS

Projecto de Conservação

CGD - Caixa Geral de Depósitos  
CIMPOR - Cimentos de Portugal, SGPS, SA  
EDP - Electricidade de Portugal  
BBV - Banco Bilbao e Vizcaya (Portugal, SA)  
RTP - Rádio Televisão Portuguesa, SA  
SANDEMAN & Companhia, SA  
LUSITÂNIA, Companhia de Seguros, SA  
BANCO INTERNACIONAL DE CRÉDITO  
PANATLÂNTICA, SGPS  
ROBERT WILSON CHALLENGE  
FLAD - Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento  
KRESS FOUNDATION  
INFORCOR - Design & Publicidade, Lda.  
ACN, Economistas, Lda.

## OS NOSSOS MECENAS

A World Monuments Fund Portugal inicia a divulgação dos Mecenas ligados aos seus projectos abrindo um espaço que lhes é dedicado em cada número do seu Boletim Informativo. Para este primeiro número convidámos a EDP - Electricidade de Portugal, Mecenas do Projecto do Claustro do Mosteiro dos Jerónimos, como já o foi da Torre de Belém, a quem, uma vez mais, manifestamos o nosso profundo reconhecimento.

### APOIO MECENÁTICO DA EDP PARA O PROJECTO DE RESTAURO DO CLAUSTRO DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

O Grupo EDP encontra-se entre os grandes operadores europeus do Sector Eléctrico e é um dos maiores grupos empresariais portugueses. Beneficiando do vasto capital de experiência adquirido com o negócio electricidade, da eficiência e competitividade das suas infra-estruturas e da reconhecida competência dos seus recursos humanos, o Grupo EDP tem vindo a diversificar as suas actividades para outras áreas de negócio e a afirmar-se no plano internacional.

O Grupo EDP é hoje um interveniente natural e competitivo no mercado das Telecomunicações, nos negócios do Gás, da Água e Saneamento e na prestação de serviços na área do Planeamento Energético, das Engenharias e Laboratórios Técnicos e nos Sistemas de Informação. Prossegue, com sucesso, uma estratégia de internacionalização, traduzida na consolidação da sua presença no Brasil e na entrada em novos mercados, que o posicionam como um interlocutor da economia internacional.

Desde o acender dos seis candeeiros eléctricos na cidadela de Cascais, a 28 de Setembro de 1878, dia do aniversário do Príncipe D. Carlos, que podemos dizer que a iluminação artificial chegou a Portugal. O crescimento da Empresa, a par com o devir do mundo, tem sido contínuo, contribuindo para o desenvolvimento do País e garantindo o acesso a níveis superiores de conforto e bem-estar.



*Dr. Mário Cristina de Sousa  
Presidente do Conselho de Administração da  
EDP - Electricidade de Portugal*

*Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes  
Nas grandes cidades  
E a mão de mistério que abafa o bulício,  
E o cansaço de tudo em nós que nos corrompe  
Para uma sensação exacta e precisa e activa da vida!*

**Álvaro de Campos**      *Dois Excertos de Odes (II)*

É nesta reinvenção de cidades e hábitos que a EDP tem vindo a construir a sua história, nunca descuidando de valores como a Qualidade, a Modernização, a Competência, o Trabalho e o Respeito pelos Valores Sociais e Ambientais, fundamentos do Serviço Público que pautam o seu comportamento e com os quais está comprometida.

A sua identidade empresarial assenta num relacionamento muito estreito com as comunidades que serve e com as quais possui, naturalmente, um vínculo que extrapola as obrigações profissionais. É neste plano que se compreende a política mecenática adoptada pelo Grupo EDP, onde se inserem iniciativas culturais variadas que se pautam pelo mesmo critério de base: a Qualidade.

Tal como construímos barragens e aproveitamos os recursos naturais que o País dispõe, preocupamo-nos com a História do nosso povo e com a perpetuação das suas Memórias. Foi por isso que apoiámos, há cerca de quatro anos as obras de restauro da pedra da Torre de Belém e é por esta mesma razão que nos envolvemos de novo num projecto da World Monuments Fund.

Este apoio da EDP ao restauro do Claustro do Mosteiro dos Jerónimos justifica-se, sobretudo, pelo valor histórico e cultural deste monumento, depositário da memória de uma época emblemática para o povo português e para os anais do mundo. A Nossa Energia está ao seu dispor desde o momento em que a primeira luz se acende.

O Dr. Mário Cristina de Sousa nasceu em 1946, é casado, tem dois filhos e licenciou-se em Economia pelo ISCEF onde foi Assistente entre 1969 e 1975. Entre outros cargos, foi Director-Geral do Departamento Central de Planeamento do Ministério das Finanças e do Plano (1980-81) e Secretário de Estado do Planeamento entre 1983 e 1985. Foi Administrador da EDP entre 1982-83, empresa a que voltou em 1998, para assumir as funções de Presidente do Conselho de Administração. É autor do livro "A Empresa e o Planeamento"

## TORRE DE BELÉM

**C**olocada no ponto de partida para aqueles que velejavam em direcção às novas terras de África e do Oriente, a Torre de Belém, construída por Francisco de Arruda durante o reinado de D. Manuel I (1495/1521), destinava-se a fazer parte integrante de uma linha defensiva composta pelas fortalezas de Cascais e, na outra margem do Tejo, à sua frente, pelo Forte de S. Sebastião da Caparica, conhecido por “Torre Velha”. Foi dedicada a S. Vicente, padroeiro de Lisboa, e erguida entre 1514 e 1520. A sua forma arquitectónica foi influenciada pelo aparecimento da nova artilharia pirobalística. Arruda idealizou uma estrutura de fortes muralhas e de belas proporções, com traços islâmicos e orientais bem visíveis nos seus elementos decorativos. Da sua decoração fazem parte todos os símbolos manuelinos: cordas, esferas armilares e Cruzes de Cristo. Motivos naturalistas testemunham os contactos com a África e a Ásia. O rinoceronte sobre a guarita noroeste é a primeira escultura deste género que apareceu a Europa. O monumento compõe-se de duas estruturas: uma torre de tipo medieval e um amplo baluarte. No decorrer dos anos a Torre teve outras e diversas utilizações. Serviu como alfândega, estação de telégrafos e farol. No reinado de Filipe I, serviu como prisão política. Em 1840 terminaram as primeiras intervenções no monumento que foram retomadas, cem anos depois, por ocasião da Exposição do Mundo Português. É, desde sempre, símbolo da identidade cultural portuguesa, tendo sido classificada, pela UNESCO, em 1983, como Património Mundial.

O projecto de conservação da Torre de Belém começou por uma fase de avaliação e documentação das condições exteriores do monumento. Nesta fase foram identificadas, documentadas e localizadas as formas de degradação que afectavam as pedras e as argamassas. Construída em pedra de liós, a alvenaria foi executada de modo diferente acima e abaixo do nível da água. Os principais problemas de conservação encontrados e identificados foram: estruturais, de infiltração de águas, superfícies sujas e manchadas e blocos de pedra deteriorados. Dando apenas um exemplo: calculou-se em cerca de dez mil metros o comprimento de juntas abertas, com ausência ou deterioração da argamassa. Os trabalhos de conservação da Torre iniciaram-se em Fevereiro de 1997 e prolongaram-se por seis meses, ao que se seguiram os trabalhos no Baluarte, concluídos em Janeiro de 1998. Mais de quarenta mil horas de trabalho foram utilizadas, entre outros procedimentos, na limpeza geral, na limpeza de juntas e recolocação de argamassa, em microestucagens e intervenções estruturais.

Agregando os esforços do Instituto Português do Património Arquitectónico, em representação do Ministério da Cultura, da World Monuments Fund, da World Monuments Fund Portugal e de um conjunto de empresas Mecenaz, o Projecto de Conservação do Exterior da Torre de Belém, levou em conta a filosofia de intervenção, a avaliação das condições existentes, o planeamento e controlo dos procedimentos de conservação, bem como a gestão da informação relativa ao projecto e ao seu impacto junto da opinião pública. Esta abordagem, multidisciplinar e inovadora no nosso País, possibilitou uma clara definição de objectivos e dos factores críticos na intervenção e o sucesso da mesma.

## TORRE VELHA

**A** fortaleza da Caparica, chamada de Castelo do Porto Brandão, de S. Sebastião, ou de Torre Velha, por oposição à “torre nova”, que seria a de Belém, construída posteriormente e edificada por ordem de D. João II, integrada no sistema de defesa da barra do Tejo, tendo sido terminada já no reinado de D. Manuel I. Ao longo dos séculos foi sendo aperfeiçoada e melhorada no sentido de responder, em termos tácticos, às novas doutrinas sobre a defesa da costa. A descrição mais antiga (de uma gravura de 1673) mostra-nos uma torre de planta quadrada que se ergue sobre uma plataforma ameada. Esta disposição tem muita semelhança com a da Torre de Belém, pelo que é de admitir que este aspecto seria muito próximo do original do séc. XV, que é desconhecido. No final das guerras peninsulares comelou a ser utilizada para outros fins, tendo, cerca de 1815, passado a servir como lazareto. Considerada como Praça de Guerra de 2ª classe, desde meados do séc. XIX, a Torre Velha deixou de fazer parte da lista dessas praças em 1894. Utilizada, a partir dessa altura, como aquartelamento e depósito foi, posteriormente, completamente abandonada. Até hoje.



### *Projecto de conservação*

## CLAUSTRO Mosteiro dos Jerónimos

**Maria João Baptista Neto**

Professora de História da Arte  
da Faculdade de Letras de Lisboa

### O CLAUSTRO DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

O simbolismo, as vivências e as intervenções nos séculos XIX e XX

No âmbito da empreitada de conservação que agora se inicia no claustro do Mosteiro dos Jerónimos, foi desenvolvido um conjunto de actividades preparatórias, a cargo de uma equipa interdisciplinar, onde o estudo histórico-artístico teve lugar. Porque a arquitectura tem a capacidade de, cumulativamente, juntar os contributos dos vários tempos, é importante definir, através da leitura atenta do monumento em causa e da investigação documental, as sucessivas campanhas de obras, as alterações por necessidade funcional, ou por mudança de gosto, bem como as intervenções de restauro ou de conservação sofridas.

As duas últimas centúrias emprestaram novas vivências àquele espaço claustal e fixaram os seus sinais.

O Regime Liberal trouxe a extinção das ordens religiosas e a desamortização dos seus bens em 1834. O Mosteiro é, então, ocupado pela Casa Pia de Lisboa, e o claustro, que já anteriormente tinha servido para acomodar tropas durante as Invasões Francesas, passou a albergar as camaratas das crianças do sexo masculino. Para o efeito, as arcadas encontravam-se entaipadas, permitindo apenas a abertura de pequenas janelas para o pátio central, onde existia um magnífico lago do tempo do Cardeal-Rei D. Henrique.

Coube a José Maria Eugénio de Almeida, nomeado Provedor da Casa Pia em 1859, a iniciativa de promover o restauro do imóvel sem descurar a dinamização da instituição. A iniciativa pautou-se por preceitos românticos de *unidade de estilo*, destruindo elementos posteriores à construção primitiva e compondo tudo ao sabor da inspiração revivalista do estilo manuelino original, exaltando o simbolismo do monumento evocativo dos Descobrimentos Marítimos.

O claustro foi restaurado com a desobstrução das arcadas e a remoção da cal que cobria as paredes interiores das galerias. Determinou-se a demolição

do lago henriquino porque não combinava estilisticamente com a construção quinhentista.

A transladação dos restos mortais de Alexandre Herculano para túmulo próprio erguido na inacabada Casa do Capítulo trouxe uma nova vaga restauracionista ao claustro de Belém, nos anos 80 do século passado. Ao mesmo tempo que se erguia o túmulo e terminava a sala capitular, executava-se a decoração mainelada dos arcos do piso superior do claustro. Esta campanha de obras surgia sob o signo da ideologia liberal, na apropriação do lugar para fazer nascer um Panteão destinado a albergar os novos heróis que o regime cultuava.

Apesar do restauro decorativista, o claustro enfrentava, no virar do século, graves problemas, nomeadamente, a nível das coberturas, com infiltrações que deterioravam as abóbadas. A sujidade, as crostas e os líquenes escureciam as pedras mais expostas aos rigores do tempo.

Depois da desocupação casapiana e com o monumento debaixo da alçada dos organismos de Estado competentes, já no presente século, foi com enorme lentidão que se acudiu às enfermidades do claustro. Os cuidados prestados nem sempre foram os mais adequados e, muitas vezes, fizeram-se pequenas obras paliativas adiando intervenções mais profundas e dispendiosas.

Por ocasião das comemorações centenárias de 1940 e da *Exposição do Mundo Português*, no ambiente festivo e de propaganda ideológica do *Estado Novo*, são então realizadas obras de maior envergadura, nomeadamente a nível do isolamento das coberturas, pavimentos, consolidação e limpeza de cantarias.

Usufruindo das suas características espaciais e do simbolismo do lugar, o claustro foi palco de várias manifestações culturais e políticas culminando, recentemente, com a cerimónia da Assinatura do Tratado da Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia.



### *Projecto de conservação*

O projecto de conservação do claustro do Mosteiro dos Jerónimos insere-se num conjunto de trabalhos iniciado pela Associação World Monuments Fund (Portugal) com o projecto da Torre de Belém, concluído em Janeiro de 1998. Tal como nesse caso, as dificuldades inerentes a qualquer intervenção ponderada de conservação surgem acrescidas pelo facto de se tratarem de monumentos de primeira grandeza, inseridos na lista de Património Mundial da UNESCO, e consequentemente sujeitos a uma maior atenção a vários níveis nacionais e internacionais, com repercussões que vão para além da simples análise da intervenção efectuada. A conservação do claustro assume uma importância fundamental na preservação deste monumento de grande significado cultural. O mosteiro, fundado por D. Manuel nos finais do século 15 na sequência da obtenção de autorização papal, foi concebido desde a sua origem como um edifício grandioso que deveria funcionar como fulcro da actividade religiosa do país. Consequentemente, não existiram preocupações de economia, nem na concepção, nem na construção deste edifício que se assume como uma das mais impressionantes manifestações do gótico final da arquitectura europeia. Torna-se fundamental para qualquer projecto de conservação, e em particular para monumentos com a importância do Mosteiro dos Jerónimos, ter em conta toda a informação possível sobre o estado em que se encontra o monumento a intervir. Esta informação serve não só como referência futura, mas também para possibilitar a definição da magnitude do projecto e identificar os principais problemas que deverão ser abordados. Com este fim é necessário levar a cabo uma inspecção rigorosa, apoiada num registo documental cuidado, do estado de conservação actual do monumento. Esta operação preliminar ao projecto necessitou de quase um ano de trabalho, tendo sido concluída em meados do ano passado.

A conservação do claustro é um projecto complexo que inclui diversas tarefas. Algumas delas são imediatamente visíveis, tais como a limpeza das superfícies que se apresentam sujas, enquanto outras podem não ser tão óbvias, como é o caso da consolidação requerida por algumas zonas que, de outra forma, poderiam vir a sofrer um eventual colapso. A limpeza das superfícies é necessária na medida em que as crostas negras e a colonização biológica são danosas para a pedra. As crostas negras são depósitos visualmente inestéticos resultantes da acção corrosiva da poluição sobre a pedra e capazes de originar produtos nefastos, enquanto a colonização biológica, do tipo das algas, líquenes, musgo e por vezes vegetação superior, pode pela sua acção físico-

# CLAUSTRO

## Mosteiro dos Jerónimos

Equipa de Consultores Científicos

**Dra. Elena Charola – WMF**

**Prof. Luís Aires de Barros – IST**

**Dr. José Delgado Rodrigues – LNEC**

**Prof. Fernando M. A. Henriques – FCT/UNL**

química deteriorar não só para a pedra, mas também, no caso da vegetação superior, as alvenarias. A consolidação é requerida para os casos em que os blocos de pedra se tenham deslocado das posições e ponham em risco a integridade estrutural do edifício, quer em consequência de fenómenos sísmicos, quer em resultado da mencionada vegetação.

A execução de um projecto de conservação tão importante como o do claustro do Mosteiro dos Jerónimos requer a participação da melhor equipa de conservadores disponível. Deve ser realçado que estes profissionais, cujo campo de actuação decorre em edifícios únicos de grande valor, devem não só ter uma formação e experiência adequadas, mas também um talento “especial” que lhes permite executar um trabalho excepcional e não apenas um bom trabalho.

Mas torna-se também necessário dispor de uma equipa interdisciplinar de apoio constituída por historiadores, arquitectos e cientistas especializados em vários ramos da ciência. As funções dos historiadores consistem em relacionar as informações dos arquivos históricos com os dados observados durante a avaliação do estado de conservação do monumento, de modo a aumentar o nível de conhecimento sobre o objecto da intervenção. Por outro lado, os arquitectos e os cientistas darão apoio às tomadas de opções decorrentes da normal evolução dos trabalhos. É inevitável a ocorrência de situações imprevistas em projectos desta natureza e magnitude, as quais necessitam de atenção imediata, traduzida em análise aprofundada, e proposição de recomendações quanto às soluções mais adequadas a adoptar em cada caso. Por esta razão, foi formada uma Equipa de Consultores Científicos que deverá funcionar como apoio da equipa de conservação.

Conforme referido, o aspecto mais visível deste projecto será a limpeza do claustro, a qual poderá ter um impacto no público semelhante à da recente intervenção efectuada na fachada da basílica de S. Pedro, em Roma. Deve ser entendido que a remoção de depósitos superficiais, como por exemplo as “crostas negras” e as colonizações biológicas mencionadas anteriormente, serve fundamentalmente para reduzir a degradação decorrente da presença desses materiais. Tal deve-se ao princípio básico de que a conservação deve sempre sobrepor-se a quaisquer considerações de natureza estética. No entanto, o projecto de conservação do claustro permitirá que a melhoria do seu valor estético seja assumida como uma das tarefas integradas no objectivo global de contribuir para a sua preservação futura. Isto é fundamental num monumento de tanto significado e relevância mundial, reconhecido como Património Mundial pela UNESCO em 1983.

# CLAUSTRO

## Mosteiro dos Jerónimos

### *Projecto de conservação*

Coordenação do Projecto  
**Arqto. Vasco Moreira Rato**

O Claustro do Mosteiro dos Jerónimos, obra de arte notável, é o resultado de uma complexa evolução arquitectónica e histórica, e conheceu diversas campanhas de obras nestes últimos quinhentos anos.

Sendo evidente a urgência da necessidade de uma intervenção de conservação neste espaço único, a enorme responsabilidade que nos é legada exige uma abordagem criteriosa, rigorosa e apoiada no mais alto nível do conhecimento científico, técnico e histórico.

Em parceria com o Instituto Português do Património Arquitectónico, decidiu levar a bom porto este enorme desafio.

Este Projecto iniciou-se com um rigoroso levantamento do estado de conservação elaborado por uma equipa experiente e especializada e que, coordenado por um reconhecido grupo de Consultores Científicos e contando com um intensivo processo de investigação histórica, permitiu analisar as diversas patologias da pedra e estabelecer os métodos e materiais a aplicar na sua limpeza e conservação. Realizou-se, simultaneamente, o processo de elaboração orçamental e respectiva viabilidade financeira. Cabe aqui uma referência muito especial a todas as entidades que, com o objectivo de partilhar com as gerações futuras a herança cultural que conhecemos, tornam possível a realização deste Projecto.

Os trabalhos de conservação que agora se iniciam terão a duração de 2 anos, estando divididos em 4 etapas, correspondentes aos 4 alçados do Claustro. Incidirão em todas as suas superfícies, nomeadamente paredes, abóbadas, arcos, colunas, balaustradas, pavimentos e elementos decorativos, numa área global de intervenção de 21,800 m<sup>2</sup>. É de salientar que o Claustro permanecerá aberto ao público durante os trabalhos, sendo que serão salvaguardadas todas as questões relativas à segurança, através da implementação de medidas criteriosas e da qualidade dos equipamentos e dos materiais e estruturas de andaimes e estaleiro.

O sucesso desta intervenção, que se reveste da maior complexidade, apenas será possível através de uma contínua articulação entre a Equipa de Consultores Científicos, enquanto coordenadores e decisores de aspectos técnicos e metodológicos, e o grupo de conservadores-restauradores que estarão os próximos dois anos a trabalhar neste espaço, contribuindo com a sua experiência e competência profissional. À Associação World Monuments Fund – Portugal, como coordenador do Projecto, cabe a tarefa de garantir o cumprimento escrupuloso de prazos e sobretudo orçamentos, no âmbito de rigor que tem presidido à sua actuação.



### **IPPAR**

O Instituto Português do Património Arquitectónico é, em representação do Ministério da Cultura, membro fundador da Associação World Monuments Fund Portugal, sendo o seu Presidente, Dr. Luís Calado, Vice-Presidente desta Associação.

Em 1992 foi criado o IPPAR, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, como serviço destinado a promover a salvaguarda e a valorização de bens imóveis que, pelo seu valor histórico e arqueológico, integrassem o património cultural do País. Em 1994 actualizou-se a sua estrutura de modo a incorporar a valência “restauro” de “bens móveis integrados em bens imóveis”. Em consequência dessas suas diversas atribuições veio-lhe a competir a gestão dos palácios nacionais, bem como a gestão de sítios arqueológicos, para além dos imóveis classificados que lhe foram afectos. Depois da criação do Instituto Português de Arqueologia, que absorveu algumas das funções anteriormente atribuídas ao IPPAR no domínio da arqueologia, este viu alterado o seu quadro de funcionamento de modo a melhor corresponder ao intuito de salvaguardar e valorizar o património cultural arquitectónico do País, redimensionando e racionalizando meios humanos e financeiros para o efeito. O IPPAR tem como missão a salvaguarda e a valorização de bens materiais imóveis que, pelo seu valor histórico, artístico, científico, social e técnico, integrem o património arquitectónico do País. Este universo abrange todos os bens materiais imóveis classificados segundo as leis em vigor. Mantém, ainda, competências administrativas e devida tramitação relativa à classificação, desclassificação, estabelecimento de áreas de protecção e respectiva salvaguarda, de imóveis arqueológicos, em estreita colaboração com o IPA. Cabe, ainda, ao IPPAR a efectiva gestão do património construído, considerada no âmbito exclusivo dos valores, dos princípios e da acção, permitindo a definição de uma só política de gestão para os imóveis classificados. No seu seio foi criado um sector de estudos cuja finalidade é a de definir filosofias de intervenção nos monumentos e no território, passando-se, assim, a considerar a salvaguarda e recuperação dos imóveis como uma disciplina humanística, situando o património classificado no espaço da cultura, garantindo, em simultâneo, uma relação dinâmica com o ambiente e o ordenamento do território, bem como as vertentes da gestão, do consumo e da qualidade de vida.